

O estado de duplicidade no conto borgeano *O Outro*

El estado de duplicidad en el cuento borgeano “El Otro”

Carolina Silva Almeida

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacanga.
E-mail: carol.almeida-@hotmail.com

Rita de Cássia Oliveira

Professora Doutora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacanga.
E-mail: rcoliveiraveiga@gmail.com

Resumo: Ponderando sobre o processo de desdobramento do eu, pretende-se neste artigo explicar sobre o fenômeno do duplo a partir de uma análise do conto *O Outro*, de Jorge Luís Borges, escrito que compõe a obra *O Livro de Areia* (2009). O duplo envolve a percepção do indivíduo acerca de si mesmo que, somente a partir de um confronto consigo, tem a possibilidade de encontrar-se. Compreende-se que, diante do confronto, o indivíduo se vê enquadrado em uma situação inesperada, cuja finalidade é interpelar suas características identitárias, propondo a autodescoberta. Faz-se necessário, portanto, observar o comportamento do personagem diante desse enquadramento, em que o choque, o instante epifânico, causa estranheza determinando uma ruptura do personagem, que se duplica. É durante esse processo que o indivíduo se encara criticamente. Tendo em vista a temática proposta, utilizaremos como aportes teóricos principais: *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* de Stuart Hall (2006), *O si-mesmo como outro* (2014) de Paul Ricoeur, *O Duplo: um estudo psicanalítico* (2013) de Otto Rank e *Duplo* (1998) de Nicole Fernandez Bravo.

Palavras-chave: Duplo. Borges. Autodescoberta.

Resumen: Reflexionando sobre el proceso de desplegarse a sí mismo, este artículo pretende explicar el fenómeno del doble a partir de un análisis del cuento *The Other*, de Jorge Luís Borges, escrito que compone el libro *The Book of Sand* (2009). El doble implica la percepción del propio individuo de que solo al confrontarse a sí mismo puede encontrarse. Se entiende que, frente a la confrontación, el individuo se encuentra enmarcado en una situación inesperada, cuyo propósito es desafiar sus características de identidad, proponiendo el autodescubrimiento. Por lo tanto, es necesario observar el comportamiento del personaje en este contexto, en el que el shock, el instante epifánico, causa extrañeza que determina una ruptura del personaje, que se duplica. Es durante este proceso que el individuo se enfrenta críticamente. En vista del tema propuesto, utilizaremos como principales contribuciones teóricas: *La identidad cultural en la posmodernidad* de Stuart Hall (2006), *O si-mesmo como outro* de Paul Ricoeur (2014), *El doble: un estudio psicoanalítico* (2013) de Otto Rank y *Duplo* (1998) de Nicole Fernández Bravo.

Palabras-clave: Doble. Borges. Auto descubierta.

1 Considerações iniciais

O presente trabalho tem por intuito investigar os aspectos que incitam o fenômeno do duplo no conto *O Outro* (2009) de Jorge Luís Borges. Observaremos de que forma o duplo possibilita um reencontro com si mesmo e auxilia na busca do eu real, considerando a estranheza, a negação seguida da aceitação que possibilita o processo de autoanálise e busca pelo Eu como pontos fundamentais que permeiam o estado de duplicidade.

A partir disso, passamos a considerar que o indivíduo, enquanto sujeito social, exhibe inúmeras habilidades que favorecem a interação para com outros indivíduos. Referimo-nos a destreza do homem em se adaptar a diversos cenários, constituindo outras facetas, comportamentos e posturas, dependendo da exigência contida no espaço e a que público está se dirigindo. Esses aspectos do sujeito são apontados por Stuart Hall (2006) como uma característica da modernidade. Ele afirma que “a identidade é algo realmente formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes.” (p. 38).

Portanto, a absorção possível a partir do posicionamento de Hall é que a identidade humana está em constante alternância, admitindo modificações em sua persona quando esta é incitada. Ao propor essa incitação, consideramos não apenas uma intenção do sujeito, mas também uma provocação causada pelo meio no qual está inserido. Dessa forma, o estado de fragmentação se torna consequência das exigências do espaço e do conflito vivenciado pelo Eu.

Esse conflito ocasiona um estado de fragmentação do “eu” que se utiliza de muitas máscaras para condicionar suas identidades no âmbito social. Esse viés ponderado pelo campo social é retomado por teóricos e críticos psicanalíticos, psiquiátricos, filosóficos e literários, que usufruem dessa habilidade humana em seus estudos. Ao enfatizar a filosofia, psicanálise e a literatura, pretendemos não apenas analisar o fenômeno de ruptura identitária, mas também suas motivações, compreendendo o “perder-se em si” vivenciado pelo sujeito que, em sua fragmentação, imerge em um estado de duplicidade.

Em seus estudos sobre duplicidade, Sigmund Freud (1996) caracteriza-o como uma condição estranha que não se refere a algo alheio ao Eu, mas um aspecto familiar e antigo que causa um amedrontamento exatamente por trazer à superfície um outro eu do sujeito. Diante disso, é válido ressaltar que o estranho surge como um resgate de aspectos identitários ignorados ou esquecidos, que despertam receio quando transparecem.

Os estudos que abordam o duplo se expandiram consideravelmente após o desenvolvimento da pesquisa de Otto Rank, em seu livro *O duplo: Um estudo Psicanalista* (2013), no qual perpassa por diversas áreas em que se pode encontrar o estado duplicado. As hipóteses de Rank aproximam-se da ideia do duplo como uma sombra, um reflexo e/ou uma relação com a alma.

O medo de vivenciar o estado duplicado está na constatação dos problemas reais que o Eu carrega e este outro evidencia quando emerge (RANK, 2013 p. 59). A omissão ou repressão de desejos secretos são evidenciados neste duplo que em versões literárias se coloca como ser oposto à sua versão real, tendendo a experimentar situações

nunca vivenciadas pelo Eu, ocorrendo, portanto, uma projeção de íntimos anseios e aspirações do real experienciadas pelo outro.

Esse despertar do duplo tem motivações distintas e por vezes singulares, dentre os quais Rank (2013) e Bravo (1998) pactuam de um pensamento similar sobre seu surgimento: o medo da finitude. Ao se duplicar o indivíduo intenciona apreender-se por um período a mais e, concomitantemente, libertar-se de suas convenções, vivendo um momento único por meio dessa versão sua, por meio de seu duplo.

Essas intenções contidas no estado de duplicidade estão profundamente incorporadas ao viés literário, sendo a literatura um importante aporte e exemplificador do campo psicanalítico. Considerando essa afirmativa, objetiva-se averiguar a retomada da temática do duplo no campo literário, com ênfase no conto *O Outro* (1975), de Jorge Luís Borges, à luz da psicanálise.

2 Contextualização

Dentre as versões conceituais apresentadas sobre dualidade, Juan Eduardo Cirlot (1992) em *Diccionario de símbolos* aborda uma perspectiva que se encaixa no que propõe em seu conto:

«El hombre es doble», pues él veía la identidad propia como dualidad, lo cual le llevó a perder la razón. Incluso en otros planos del ser, la identidad era, para él, una dualidad, un desdoblamiento, apto a veces para indefinidas resonancias y disfraces, según J. P. Richard en *Poésie et profondeur*. (p. 177).

Nessa acepção, observamos que Bravo (1998) reflete sobre o duplo como uma poética abordada pelos escritores contemporâneos de maneira introspectiva, enfatizando o aprisionamento dos personagens em si mesmos. Essa perspectiva valida a ideia do desdobramento como uma perda identitária que exige a reflexão do indivíduo sobre si, a fim de se encontrar. “A busca da verdadeira identidade é, de uma ou de outra maneira, o objetivo que persegue as histórias do duplo.” (BRAVO, 1998, p. 280). Portanto, ao tratar do duplo, compreende-se a necessidade de discutir sobre o processo de construção identitária.

Ao analisar os aspectos que constituem a identidade de um determinado indivíduo, consideramos não apenas os seus componentes, mas também os fenômenos externos que contribuíram para a determinação dessa identidade. Considera-se, portanto, o indivíduo como um ser social, que admitirá mutações em sua personalidade a partir do contexto no qual está inserido e, a partir das contribuições recebidas neste ambiente, constituirá seu Eu.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...]. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...]. Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. (HALL, 2006, p. 38/9)

Ao compreender a necessidade de interação social na constituição de uma identidade, é possível se posicionar dentro deste meio e desenvolver as características identitárias que são edificadas a partir do convívio com o outro. O sistema social exige posicionamentos e interpretações dos indivíduos, o que incita o firmamento do Eu. Contudo, apesar de haver uma construção identitária que visa à convivência amistosa, existe a identidade voltada para o Eu, sendo uma versão individualizada, singular.

É conclusiva a indispensabilidade do âmbito social e/ou cultural na construção de uma identidade. Apesar disso, é preciso haver sensibilidade para compreender que o sujeito constitui a sua identidade em dois aspectos: a identidade cultural ou narrativa e a identidade pessoal ou moral. De acordo com Ricoeur (2014), o sujeito social é determinado pela mesmidade, enquanto que a ipseidade se encarrega dos aspectos mutáveis do sujeito.*

Ricoeur, em *O si-mesmo como outro* (2014), interpreta a identidade pessoal a partir da dimensão temporal da existência humana. Entende ainda a importância contida no viés literário, que é um contribuidor direto dessa interpretação, vendo-o como “um vasto laboratório onde são testados estimações, avaliações, julgamentos de aprovação e de condenação pelos quais a narrativa serve de propedêutica à ética” (p. 140). Dessa forma, a narrativa literária abarca não somente avaliações e julgamentos externos, mas sim um fator determinante no caminho de redescoberta do eu.

Ricoeur (2014), ao posicionar a identidade como sendo social e pessoal, e, portanto, dual, nos concede a posição de enfatizar a temática do duplo, temática em que se defende um estado de ruptura do eu passando a existir dois de um mesmo ser, o real e seu duplo. É válido esclarecer que esse tema sugere a existência não apenas de um indivíduo composto por duas identidades, mas também representado por outras formas como sombras, gêmeos, sócias, reflexos e retratos.

No âmbito literário, apresentam-se inúmeras representações de duplicidade. Assim, a literatura, observando essa temática como um campo vasto, reproduziu o mito do duplo em inúmeras produções, como observado em Fiódor Dostoiévski, na sua obra *O Duplo* (2014), Edgar Allan Poe, em seu conto *William Wilson*, presente no livro de contos *Histórias Extraordinárias* (2005), Oscar Wilde em *O Retrato de Dorian Gray* (2011), José Saramago na obra *o Homem Duplicado* (2002), Machado de Assis no conto *O Espelho* (1994) e uma infinidade de autores que trouxeram o tema em seus escritos.

Com o surgimento da Literatura Fantástica no século XIX (contudo, somente houve um desenvolvimento dos estudos acerca do tema a partir do século XX), o mito do duplo foi relacionado ao fenômeno fantástico, em que há a dúvida, a hesitação de que o evento está realmente ocorrendo.

Chega, enfim, ao tema do duplo, assinalando que, efetivamente, a estética do fantástico poderia colocar-se inteiramente sob o signo do duplo, pois por sua própria natureza a obra fantástica dispõe-se à ambivalência, permite a dúvida, projeta um duplo olhar sobre o evento, multiplica os efeitos especulares. Logo,

* Paul Ricoeur compreende o homem como um sujeito que constitui a sua identidade em dois aspectos: social e moral. Assim, desenvolve os termos mesmidade e ipseidade para tratar desses dois campos da identidade humana, respectivamente. A mesmidade abarcaria o sujeito social e a ipseidade, o sujeito moral.

no fantástico, a estética do duplo desenvolve-se como tema e, muitas vezes, como arquitetura da obra. (CAMARANI, 2014, p. 129).

Segundo Todorov (2014), teórico de grande visibilidade no campo fantástico, passa a determinar o fantástico sob a perspectiva de gênero, diferentemente de seus precursores. Ao tratar sobre o duplo, afirma que a sensação que temos de sermos várias pessoas mentalmente oportuniza nos tornarmos várias fisicamente.

Nós nos sentimos todos como várias pessoas: aqui a impressão se encarnará no plano da realidade física. [...] Nerval escreve: “Uma ideia terrível me veio: ‘O homem é duplo’, disse eu”. [...] A multiplicação da personalidade, tomada ao pé da letra, é uma consequência imediata da passagem possível entre matéria e espírito: somos muitas pessoas mentalmente, em que nos transformamos fisicamente. (TODOROV, 2014, p. 124).

A partir disso, a duplicidade ganha novas roupagens ao longo dos períodos literários e outros campos de atuação. Um desses campos de propagação consideravelmente relevante foi a área psicanalítica. Assim sendo, Freud (1996), figura de forte representatividade na área da psicanálise, investiga a estranheza do duplo e utiliza a literatura como alicerce; aponta Hoffmann[†] como “o mestre incomparável do estranho na literatura” (p. 251).

Freud se apropria das narrativas literárias de Hoffmann para transcorrer sobre as causas do estado duplicado vivido por suas personagens. Admite essa correlação com a literatura na intenção de ilustrar que “originalmente, o duplo era uma segurança contra a destruição do ego, **uma enérgica negação do poder da morte** [...], e provavelmente a alma imortal foi o primeiro duplo do corpo.” (p. 252, grifo nosso).

Esses apontamentos de Freud nos direcionam a uma abordagem mais completa do duplo. Esclarece que os estudos sobre o fenômeno se expandiram consideravelmente após o desenvolvimento da pesquisa de Otto Rank – estudioso da área psicanalítica – em seu livro *O duplo: um estudo Psicanalista* (2013), no qual perpassa por diversas áreas, dando ênfase à literária, na qual se pode encontrar o estado duplicado.

As hipóteses de Rank aproximam-se da ideia do duplo como uma sombra, um reflexo e uma relação com a alma. Em seguida, passa a entender esse processo como sendo um leque de costumes e tradições que se fixam em superstições antigas: “investigações relacionadas ao folclore mostrou, sem dúvida alguma, que os homens primitivos consideram seu misterioso duplo, a sombra, como a real essência da alma” (RANK, 2013, p.102).

Rank (2013), ao abordar a duplicidade, investiga o seu surgimento em épocas muito distantes, em que já se anunciava a natureza dupla do homem. Recorre aos povos primitivos que, de acordo com pesquisadores, desenvolveram a crença em um espírito protetor a partir da superstição da sombra (p. 42). Aos poucos, a sombra moldou-se às crenças posteriores e se configurou como um duplo. “Assim sendo, a sombra do homem que, durante sua vida, era um espírito enviado para protegê-lo, se

[†] Escritor alemão conhecido como um dos maiores nomes da literatura fantástica mundial.

transforma em um fantasma assustador que o persegue e vitima até a morte” (ROCHHOLZ, *apud* RANK, 2013, p. 42).

A partir de então, o duplo assume expressão de um presságio de morte a quem o experencia. Para se precaverem, muitos povos adquiriram superstições, considerando a sombra, o espectro do seu dono. Acreditava-se, portanto, que, ao nascer uma criança e sua fisionomia se assemelhasse a do pai, este morreria dentro de pouco tempo; o mesmo ocorria com aquele indivíduo que não fizesse sombra: “Quem não faz sombra, morrerá” (RANK, 2013, p. 43).

A mesma perspectiva sobre o tema é levantada por Bravo (1998), que afirma ser o medo da morte e desejo de permanecer vivo que impulsiona o estado duplicado.

Mas o duplo está ligado também ao problema da morte e ao desejo de sobreviver-lhe, sendo o amor por si mesmo e a angústia da morte indissociáveis. Visto sob essa perspectiva, o duplo é uma personificação da alma imortal que se torna a alma do morto, ideia pela qual o eu se protege da destruição completa, o que não impede que o duplo seja percebido como um “assustador mensageiro da morte”. (BRAVO, 1998, p. 263).

A partir disso, consideramos o duplo não apenas como um perseguidor, mas também como um anúncio inconsciente do indivíduo que o vivencia. É sob essa ótica que se encontra o narrador-protagonista do conto borgeano, passando a utilizar da memória para resgatar sua versão jovial, demonstrando um receio da finitude.

3 O estado de duplicidade em Borges

Em seus escritos, Jorge Luís Borges demonstra simpatia com o fenômeno do duplo, transformando-o em aspecto predominante. Ao enfatizar o conto *O Outro* (1975), observamos novamente a duplicidade como suporte do enredo de Borges, que narra um evento incomum vivido três anos antes, em 1969. Borges surge neste conto como protagonista, vivenciando o inusitado encontro consigo mesmo, em que o Borges jovem e o amadurecido se deparam um com o outro: um em 1969 na cidade de Cambridge, em Boston, e o outro em Genebra, em 1918.

O narrador-protagonista defende-se de não ter escrito antes sobre o ocorrido por medo de perder a sanidade, propondo-se apenas a esquecê-lo. Vendo este esquecimento como improvável, o narra como um conto: “Não o escrevi imediatamente, porque meu primeiro propósito foi esquecê-lo para não perder a razão.” (BORGES, 2009, p. 08).

A partir de então, passa a narrar o evento inusitado: estava em Cambridge, sentado em um banco em frente ao rio Charles; este rio surge como impulsionador de recordações o fazendo pensar em épocas passadas. Em determinado momento, alguém senta ao seu lado, o fazendo desejar que não o fizesse, pois preferiria estar só. Assim, o sujeito que agora lhe fazia companhia começa a assobiar, trazendo espanto ao Borges de 1969.

O outro se havia posto a assobiar. Foi então que ocorreu a primeira das muitas inquietações dessa manhã. O que assobiava, o que tentava assobiar (nunca fui muito entoado), era o estilo crioulo de La Tapera de Elias Regules. O estilo me reconduziu a um pátio lá desaparecido e à memória de Álvaro Mellián Lafinur, morto há muitos anos. Logo vieram as palavras. Eram as da décima do princípio. A voz não era a de Álvaro, mas queria parecer-se com a de Álvaro. Reconheci-a com horror. (BORGES, 2009, p. 08).

Esse momento marca o instante em que Borges reconhece resolutamente a si mesmo quando jovem. Interessa-nos salientar que não há hesitação em aceitar o evento vivenciado, mas um assombro por este Borges amadurecido. Resoluto, volta-se a este outro que assobia e o questiona sobre sua nacionalidade e moradia:

- O senhor é oriental ou argentino?
- Argentino, mas desde o ano de 1914 vivo em Genebra - foi a resposta. Houve um silêncio longo. Perguntei-lhe:
- No número dezessete da Malagnou, em frente à igreja russa?
- Respondeu-me que sim.
- Neste caso - disse-lhe resolutamente - o senhor se chama Jorge Luis Borges. Eu também sou Jorge Luis Borges. Estamos em 1969, na cidade de Cambridge. (BORGES, 2009, p. 08).

A negação do Borges jovem vem imediatamente, não aceita o evento por receio de estar perdendo a razão, tenta dissuadir o narrador de que são apenas parecidos, mas de idade e fisionomia diferentes, portanto, não podem ser a mesma pessoa. O Borges amadurecido entende a resistência, considerando o momento atípico vivenciado, mas prossegue objetivando convencer sua versão mais nova.

- Posso te provar que não minto. Vou te dizer coisas que um desconhecido não pode saber. Lá em casa há uma cuia de prata com um pé de serpentes, que nosso bisavô trouxe do Peru. Há também uma bacia de prata que pendia do arçã. No armário do teu quarto, há duas filas de livros. Os três volumes das Mil e Uma Noites de Lane, com gravações em aço e notas em corpo menor entre os capítulos, o dicionário latino de Quicherat, a Germania de Tácito em latim e na versão de Gordon, um Dom Quixote da casa Garnier, as Tábuas de Sangue de Rivera Indarte, o Sartor Resartus de Carlyle, uma biografia de Amiel e, escondido atrás dos demais, um livro em brochura sobre os costumes sexuais dos povos balcânicos. Não esqueci tampouco um entardecer em um primeiro andar da praça Dubourg. (BORGES, 2009, p. 09).

Mesmo após demonstrar conhecimentos sobre a vida de ambos, a versão jovial prossegue optando pela razão, resistindo a aceitar o que estava vivenciando. “- Não - respondeu. -Essas provas não provam nada. Se eu estou sonhando, é natural que eu saiba o que sei. Seu catálogo prolixo é totalmente vão.” (BORGES, 2009, p. 09). Com destreza e paciência, Borges amadurecido enfraquece as barreiras de sua versão mais jovem e considera a hipótese de que vivenciam um sonho, em que um está a sonhar com o outro.

Ao aceitar a sugestão, a versão mais nova passa a ouvir acontecimentos futuros e a recontar momentos que o narrador-protagonista já vivenciara. Ambos trocam informações sobre passado e futuro, possibilitando um resgate de memórias. O encontro prosseguia alongando-se, o que causou no Borges amadurecido dúvida sobre estar ou não em um sonho: “Nossa conversação já havia durado demais para ser a de um sonho.” (BORGES, 2009, p. 10). Essa dúvida o faz desejar convencer o outro de que não estavam sonhando: faz a leitura de um verso do qual o outro nunca lera. Esse ato causa espanto ao Borges jovem, já que este o reconhece sem nunca o ter lido.

Em sequência, discutem sobre esse verso e quem o escreveu. A partir dessa discussão, o narrador-protagonista observa as dessemelhanças e aproximações entre ambos, chegando à conclusão de que, mesmo desejando convencer a sua versão jovial sobre o que lhe parecia correto, não havia utilidade neste ato, já que a resistência que existia em si também existia no outro.

Sob nossa conversação de pessoas de leitura miscelânea e de gostos diversos, compreendi que não podíamos nos entender. Éramos demasiado diferentes e demasiado parecidos. Não podíamos nos enganar, o que torna o diálogo difícil. Cada um de nós dois era o arremedo caricaturesco do outro. A situação era anormal demais para durar muito mais tempo. Aconselhar ou discutir era inútil, porque seu inevitável destino era ser o que sou. (BORGES, 2009, p. 12).

Dessa forma, é sugerido que se despeçam e retornem no dia seguinte para um reencontro. Contudo, Borges de 1969 não fora encontrá-lo e acreditava que o outro havia decidido fazer o mesmo. A partir da reflexão feita sobre o ocorrido, chega à conclusão de que o evento fora real para ele e um sonho para o outro, o que tornava viável o esquecimento de algo tão incomum para os dois Borges. “O encontro foi real, mas o outro conversou comigo em um sonho e foi assim que pude me esquecer. Eu conversei com ele na vigília e a lembrança ainda me atormenta.” (BORGES, 2009, p. 14).

Percebe-se, portanto, uma complexidade acerca do estado duplicado de um indivíduo. Borges coloca-se na condição de narrador-personagem, na qual duas percepções de si formam o enredo do conto. Nesse sentido, o estranhamento, a descrença de estar encontrando consigo mesmo causa a resistência do mais novo, refletindo a irreverência da juventude, o desejo de demonstrar sabedoria e ceticismo.

A versão amadurecida do protagonista, talvez por conhecer-se tão bem e ter experienciado outrora a resistência daquele que ali se encontrava, demonstra perspicácia diante da situação, buscando convencer o seu duplo de que eram a mesma pessoa. Dessa forma, sendo a mesma pessoa, não poderia anular um sem anular o outro, como afirma Clément Rosset (1998).

O estado de duplicidade ilustrado por Borges expõe justamente a ideia da falsa evidência do duplo, de que este não corresponde à versão fiel do original, já que o encontro consigo ocorre quando os dois Borges, o jovem e o amadurecido, se encontram, confirmando a ideia de que o indivíduo nunca está igual. Esse processo de duplicação vivenciado por Borges pode ser considerado como um temor da finitude apontado por Rank (2013). É o que Nicole Fernandez Bravo (1998) também considera:

“[...] o duplo está ligado também ao problema da morte e ao desejo de sobreviver-lhe, sendo o amor por si mesmo e a angústia da morte indissociáveis” (p. 263). Dessa forma, o estado duplicado pode se justificar no desejo do indivíduo de se imortalizar. Esse posicionamento pode ser reafirmado no fragmento em que Borges reflete que,

salvo nas severas páginas da História, os fatos memoráveis prescindem de frases memoráveis. **Um homem a ponto de morrer quer se lembrar de uma gravura entrevista na infância;** os soldados que estão por entrar na batalha falam do barro ou do sargento. Nossa situação era única e, francamente, não estávamos preparados. (BORGES, 2009, p.17, grifo nosso).

Rank (2013), em seu estudo sobre o tema, afirma que o duplo se origina em crenças primitivas sobre as sombras, sendo para muitos o mesmo que a alma do indivíduo. Por tempos acreditava-se que a sombra vinha a ser um espírito protetor e que, mais tarde, transforma-se em um fantasma perseguidor da sua vítima até a sua morte. Diversas crenças acreditavam que podiam ferir alguém ao atacar o coração de sua imagem ou sombra, remetendo a ideia do duplo – a sombra ou imagem – como sendo o próprio eu. Essas crenças nada mais nos remetem do que um derradeiro medo da finitude.

O que as tradições folclóricas e muitas das tradições literárias prontamente nos revelam é um tremendo medo da morte, que alude, até o momento, aos sintomas de defesa descritos, como também nelas o medo (da imagem, de sua perda ou perseguição) constitui a característica mais proeminente [...] Por um lado, representa a fixação libidinosa do indivíduo em um estágio específico do desenvolvimento do Eu, por outro, **expressa o medo do envelhecimento, por trás do qual está o medo da morte.** (RANK, 2013, p. 60-61, grifo nosso).

A expressão desse medo está clara no conto borgeano, que utiliza da memória para resgatar sua versão jovem e reviver características mutáveis e imutáveis de sua personalidade. A duplicidade, dessa forma, possibilitou um segundo olhar sobre si mesmo a fim de apreender aspectos de si que antes houvera esquecido. Esse encontro ocorre em um momento de vulnerabilidade do eu, ou seja, em momento de dúvida ou medo, possibilitando assim a apreensão de aspectos ignorados.

Assim sendo, o evento vivenciado é, na verdade, um resgate da versão jovial daquele que o experencia, ou seja, do Borges que narra o acontecimento, que funciona como um meio de apontar o medo da finitude e imortalizar-se por meio da versão passada de si mesmo. É, ainda, um meio de autorreflexão e reencontro com si próprio. De acordo com Bárbara Xavier França (*apud* FEITOSA, 2016, p. 145), “o outro é referência para a constituição do próprio eu, sendo que é nele que o sujeito se vê e tem consciência de si.”

Portanto, observamos que França reafirma a ideia do outro como mecanismo encontrado pelo indivíduo de se confrontar a fim de encontrar a sua versão real. Essa perspectiva se aplica ao conto analisado, em que os Borges vivem um estado de duplicidade objetivando a mesma finalidade: determinar seu verdadeiro eu. Assim, essa experiência vivenciada pelo Borges maduro o faz refletir sobre o evento como um

todo e, estando impossibilitado de esquecê-lo, o conta na esperança de perpetuar-se por meio do que vivera.

É notório que Borges pôde contemplar um estado seu antes ignorado, algo ponderado por Freud sobre um evento atípico, singular: “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (FREUD, 1996, p. 238-239). Sendo assim, a condição pela qual perpassa o protagonista borgeano é, em linhas gerais, uma tentativa inconsciente do indivíduo de determinar qual a sua verdadeira identidade. É o ápice da versão original, é uma crise identitária sofrida pelo real. Tal crise é o que resulta no desdobramento do eu e, por conseguinte, no processo de busca e autodescoberta.

Assim, ao estar em imersão nessa experiência, Borges avalia quem fora e quem havia se tornado. Esse encontro foi, portanto, categórico, já que somente olhando a si mesmo como um indivíduo a parte poderia determinar-se, somente se despindo das máscaras sociais poderia se encontrar e, apenas poderia realizá-lo se feito consigo mesmo, num encontro singular e único com si mesmo.

4 Considerações finais

A temática do duplo é de grande recorrência nas obras borgeanas.

Borges, escritor argentino, se consagrou no realismo fantástico, o insólito, também elevando a literatura argentina de maneira significativa, sendo considerado um dos maiores escritores da literatura. Rodrigues (1988) afirma que “o duplo é um dos temas recorrentes, obsessivos em Borges.” (p. 43). Outros escritos também anunciam o tema de forma enfática, como é o caso de *O Sul* (1956), e *O Morto* (1946), validando o apontamento de Rodrigues. Esse desdobramento pelo qual o Eu perpassa é, acima de tudo, um meio de identificar sua versão real, original.

Dentre os aspectos que incitam este estado, consideramos as exigências sociais como pontuais. O sujeito necessita do ambiente social para desenvolver suas características identitárias, contudo, há uma linha tênue sobre o que é sua identidade social e sua identidade moral. É, dessa forma, indispensável haver uma diferenciação sobre o que se interpreta em público e o que se é realmente nos bastidores.

O presente estudo se propôs a averiguar a presença do mito do duplo e os aspectos que o fazem possível no conto *O Outro* (1975), de Jorge Luís Borges. Esse conto, contido no *Livro de Areia* do citado autor, reflete um momento determinante de inúmeros sujeitos: o receio da morte. Para defender essa perspectiva, observamos o processo de construção do mito a partir de aspectos culturais de povos primitivos que acreditavam na sombra como um espírito protetor e, posteriormente, como um presságio da morte.

Para tanto, compreendemos a indispensabilidade de determinar a construção identitária e, para isso, selecionamos a perspectiva de Paul Ricoeur como viés a ser seguido. É a partir de Ricoeur que encontramos a determinação identitária pontuada em dois conceitos: mesmidade e ipseidade.

Esses dois eixos constituem a identidade pessoal de um sujeito e, eventualmente, demonstra uma natureza dual do sujeito. A possibilidade de estar sempre em modificação contribui para a existência de máscaras sociais que passam a se

confundir com a identidade pessoal do sujeito, a ipseidade apontada por Ricoeur. Essa mesma natureza dual é proposta por Bravo (1998):

sua eflorescência durante o romantismo não nos deve fazer esquecer que o mito do duplo remota épocas bem mais acudadas no tempo: antigas lendas nórdicas e germânicas contam o encontro com o duplo. [...] Em todos esses mitos, **o homem é interpretado como possuidor de uma natureza dupla.** (grifo nosso, p. 262)

A partir disso, é compreendido que o indivíduo demonstra a condição do desdobramento como aspecto próprio de si mesmo. Como consequência e exigência social, uma das faces é subtraída e a que permanece é aquela ideal ao ambiente no qual o sujeito está inserido. Isso é visto em inúmeros escritos que trazem como base o mito do duplo, como é o caso de Dr. Jekyll e Edward Hyde, no qual Dr. Jekyll é a faceta ideal enquanto Edward Hyde é o outro que toma posse do corpo quando os desejos obscuros do protagonista se interpelam. Portanto, esse outro é utilizado como justificativa para vivenciar atos libidinosos e condenáveis, atos estes que o médico jamais se permitiria viver.

Não é, contudo, esse tipo de intenção que está contida no conto borgeano, mas sim identificar as características perdidas e as mantidas. A estória é divulgada em 1972, mas o fato a ser narrado ocorrera três anos antes, no qual o protagonista encontrou com seu eu mais novo. Logo no primeiro momento, o protagonista afirma preferir a solidão naquela ocasião e, irremediavelmente, estava só, havia dois de si, o real e o duplo, mas ainda estava só, em duplicação, já que Borges estava vivenciando um encontro com sua versão mais nova.

Diante de uma condição singular, Borges de 1969, cuja perspicácia e maturidade o possibilitaram agregar maior valor a este confronto, encarou o encontro como possível, passando a convencer o outro de que viviam um evento sobrenatural e de que, se o sobrenatural se repetisse, deixaria de ser amedrontador: “Respondi que o sobrenatural, se ocorre duas vezes, deixa de ser aterrador.” (BORGES, 2009, p. 19).

O desdobramento do eu é uma oportunidade de o sujeito voltar-se para si e partir em busca de respostas que podem acarretar sua perda total ou encontro consigo mesmo. Vejamos, por exemplo, o mito de Narciso. O mito de Narciso é um clássico exemplo do duplo, no qual, vendo-se refletido na água, Narciso tem um encontro consigo mesmo e apaixona-se pela imagem refletida. Não conseguindo sair do estado de duplicidade, acaba definhando à espera da reciprocidade de seu duplo.

É a partir deste ponto que ocorre o estranhamento e este não reconhecimento ocasiona um estado de meditação sobre aquele reflexo, sobre o outro e sobre si mesmo. Essa investigação é consequência da ruptura e gera uma busca pelo real. Segundo Cirlot (1992), a duplicação é também um símbolo de consciência, um eco da realidade, afirmando, portanto, que o estado duplicado corresponde ao estado de conflito, o que caracteriza a reação do protagonista diante da própria imagem refletida.

O processo é inverso quando analisamos o protagonista de Borges, que encara neste impasse uma possibilidade de autodescoberta e tomada de consciência, seja de aspectos antes ignorados ou de um outro existente em si mesmo. Borges, de uma forma

ou de outra, imergiu em sua versão jovial por ainda se conectar a ela, utiliza o rio ali presente como estimulador de um resgate da memória. É a partir da memória que o protagonista passa pelo estado de duplicidade. Ao recontar este evento, a memória está sendo perpetuada e, portanto, aquele que vivenciou o ocorrido da mesma forma se perpetuará.

Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), afirma que, “[...] ao lembrar de algo, alguém se lembra de si.” (p. 107). Portanto, a memória, além de um canal de ruptura do eu, é ainda um meio de resgatar lembranças singulares, que o ambiente social, o coletivo, não será capaz de intervir ou reaver.

A superação do confronto está na maneira com que se administra o estado de duplicidade. Borges entendera o evento como único e o tratou com tranquilidade, reviveu o ceticismo, a imaturidade e a juventude que outrora foram suas, transcorreu a respeito na intenção de se perpetuar e, assim, impossibilitar a finitude, fora, em suma, consciente de que, a partir daquele confronto, estaria mais próximo de determinar quem realmente era, de determinar seu eu.

Referências

BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

BORGES, Jorge Luís. O Outro. In: *O Livro de Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMARANI, Ana Luíza Silva. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Diccionario de símbolos*. Barcelona: Labor, 1992.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. Entre o sonho e a escrita: Borges e Mário de Carvalho em interlocução. In: *Revista Colóquio/Letras*, Ensaio, n.º 192, maio 2016, p. 144-150.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

RANK, Otto. *O duplo: um estudo psicanalítico*. Trad. E. L. Schultz. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2014.